



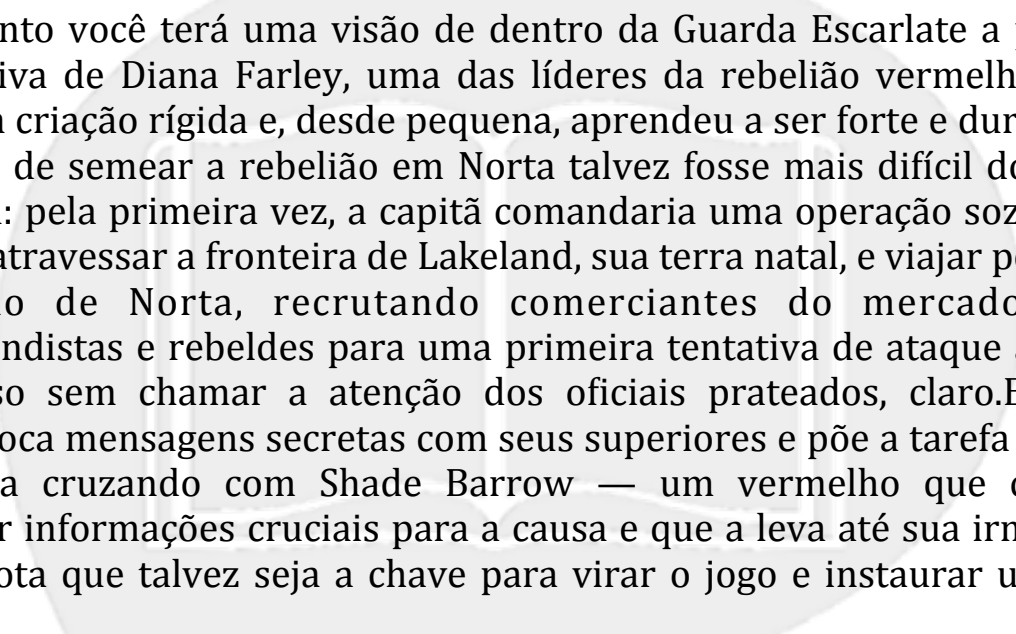
UM CONTO DA SÉRIE A RAINHA VERMELHA

VICTORIA AVEYARD



**CICATRIZES
DE AÇO**

SÉQUINTE



Neste conto você terá uma visão de dentro da Guarda Escarlata a partir da perspectiva de Diana Farley, uma das líderes da rebelião vermelha. Farley teve uma criação rígida e, desde pequena, aprendeu a ser forte e durona. Mas a missão de semear a rebelião em Norta talvez fosse mais difícil do que ela esperava: pela primeira vez, a capitã comandaria uma operação sozinha. Ela teria de atravessar a fronteira de Lakeland, sua terra natal, e viajar por todo o território de Norta, recrutando comerciantes do mercado negro, contrabandistas e rebeldes para uma primeira tentativa de ataque à capital. Tudo isso sem chamar a atenção dos oficiais prateados, claro. Enquanto Farley troca mensagens secretas com seus superiores e põe a tarefa em ação, ela acaba cruzando com Shade Barrow — um vermelho que consegue descobrir informações cruciais para a causa e que a leva até sua irmã, Mare, uma garota que talvez seja a chave para virar o jogo e instaurar uma nova aurora.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL
ACESSO RESTRITO AO COMANDO

Dia 61 da OPERAÇÃO LAGOA, fase 3

Responsável: Coronel CENSURADO

Designação: CARNEIRO

Origem: Solmary, LL

Destinatário: COMANDO em CENSURADO

- OPERAÇÃO LAGOA concluída antes do cronograma, considerada bem-sucedida. Canais e eclusas nos LAGOS PERIUS, MISKIN e NERON sob o controle da Guarda Escarlate.
- Agentes CHICOTE e ÓPTICO controlarão os desdobramentos da operação, mantendo contato estreito, canais abertos para a BASE MÓVEL e o COMANDO. Protocolo de parar e perguntar implementado, à espera de ordens de ação.
- Voltando para TRIAL com OVELHA no momento.
- Resumo da operação:
Mortos em ação: D. FERRON, T. MILLS,
M. PERCHER (3).
Feridos: LIGEIRO, COSTELA (2).
3 PRATEADOS mortos: verde (1), forçador (1),
curandeiro de pele? (1).
Número de baixas civis: desconhecido.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

— Vem tempestade aí.

O coronel fala para quebrar o silêncio. Ele encosta o olho bom numa rachadura na parede do compartimento, observando o horizonte. O outro também está aberto, embora mal consiga enxergar através da película de sangue vermelho. Nenhuma novidade. Há anos que o olho esquerdo está assim.

Sigo seu olhar, espiando entre as ripas frouxas de madeira. Nuvens escuras se agrupam quilômetros adiante, tentando se esconder atrás dos morros cobertos de vegetação. Ao longe, uma série de trovões. Não dou a mínima. Só espero que a tempestade não atrase o trem e não nos force a passar um segundo a mais escondidos debaixo do assoalho falso de um veículo de carga.

Não temos tempo para tempestades ou conversa fiada. Faz dois dias que não durmo e meu rosto é a prova disso. Não quero nada além de sossego e algumas poucas horas de descanso antes de voltarmos à base em Trial. Por sorte, não há muito o que fazer por aqui além de deitar. Assim como o coronel, sou alta demais para ficar de pé neste espaço. Ambos temos que ficar jogados pelo compartimento pouco iluminado, com as costas encostadas onde der. Logo virá a noite e apenas a escuridão para nos fazer companhia.

Não posso reclamar do meio de transporte. Na viagem para Solmary, passamos metade do caminho numa balsa carregada de frutas. Depois de uma parada longa demais no lago Neron, grande parte da carga apodreceu. Passei a primeira semana de operações lavando roupa para tirar o fedor. E jamais me esquecerei da confusão antes de iniciarmos a Operação Lagoa, em Detraon. Três dias num caminhão de gado, para então descobrir que a capital de Lakeland estava definitivamente fora do nosso alcance. Perto demais do Gargalo e da frente de guerra para ter defesas fracas, uma realidade que menosprezei conscientemente. Mas eu não era oficial na época, e não cabia a mim a decisão de tentar infiltrar uma capital prateada sem ter informações ou apoio adequados. Cabia ao coronel. Naquela época, ele era apenas um capitão com o codinome Carneiro e muito para provar,

muito por que lutar. Eu, pouco mais que uma soldada recém- juramentada, apenas o seguia. Também tinha coisas para provar.

Ele mantém os olhos fixos na paisagem. Não para observar o horizonte, mas para não me encarar. *Tudo bem.* Também não gosto de olhar para ele.

Com ou sem afinidade, formamos uma boa equipe. O Comando sabe, nós sabemos, e é por isso que continuam nos mandando juntos para as missões. Detraon foi nosso único passo em falso numa marcha infinita pela causa. E por eles, pela Guarda Escarlata, deixamos nossas diferenças de lado sempre.

— Alguma ideia do nosso próximo destino? — Assim como o coronel, não vou aguentar o silêncio pesado.

Ele se afasta da parede, franzindo a testa, ainda sem me encarar.

— Você sabe que não é assim que funciona.

Já sou oficial há dois anos, além de outros dois como soldada da Guarda e uma vida inteira à sombra dela. Sinto vontade de cuspir um “É claro que sei como funciona”.

Ninguém sabe mais do que o necessário. Ninguém sabe nada além de sua operação, seu esquadrão e seus superiores imediatos. A informação é mais perigosa do que qualquer arma que possuímos. Aprendemos isso depois de décadas de rebeliões fracassadas, todas reveladas por um prisioneiro vermelho nas mãos de um murmurador prateado. Nem o mais bem treinado dos soldados é capaz de resistir a um ataque à sua mente. São sempre descobertos, e os segredos, revelados. Assim, meus agentes e soldados se reportam a mim, sua capitã. Eu me reporto ao coronel, e ele ao Comando, seja lá quem forem. Só sabemos que precisamos continuar em frente. Esse é o único motivo para a Guarda ter durado tanto tempo, para ter sobrevivido enquanto todas as organizações clandestinas pereceram.

Mas nenhum sistema é perfeito.

— O fato de você ainda não ter recebido novas ordens não significa que *não faça ideia* de qual vai ser o próximo passo — digo.

Um músculo se retrai no rosto dele. Não sei se ele queria fechar a cara ou abrir um sorriso, mas duvido que fosse a segunda opção. O coronel não sorri há muitos anos, não de verdade.

— Tenho minhas suspeitas — ele responde depois de um longo momento.

— Que são?

— Minhas.

Cerro os dentes, bufando. *Típico*. Mas, sendo sincera comigo mesma, provavelmente é melhor assim. O número de vezes em que quase fui descoberta pelos cães de caça dos prateados serviu para me conscientizar de como o sigilo é vital para a Guarda. Só a minha mente já contém nomes, datas, operações e informações suficientes para desfazer os dois últimos anos de trabalho em Lakeland.

— Capitã Farley.

Não usamos títulos e nomes na correspondência oficial. Meu nome é Ovelha em tudo que pode ser interceptado. Mais uma defesa. Se uma das nossas mensagens cair em mãos erradas, se os prateados decifrarem nossos códigos, vão ter bastante trabalho para nos rastrear e descobrir nosso vasto e dedicado sistema de comunicações.

— Coronel — respondo, e ele finalmente me encara.

Um brilho de arrependimento aparece no seu olho bom, que ainda conserva um tom azulado familiar. O resto dele mudou muito ao longo dos anos. Dá pra notar que ele ficou mais duro, uma massa rija de músculos debaixo de roupas esfarrapadas. O cabelo loiro, mais claro que o meu, começou a rarear. Há algumas mechas brancas nas têmporas. Não acredito que não notei isso antes. Ele está ficando velho. Mas não lento. Nem burro. O coronel continua rápido e perigoso como sempre.

Fico imóvel sob seu olhar silencioso e breve. Tudo é um teste. Quando ele abre a boca, sei que passei.

— O que você sabe sobre Norta?

Abro um sorriso.

— Então finalmente decidiram expandir.

— Eu fiz uma pergunta, Ovelhinha.

O apelido é risível, já que tenho quase dois metros.

— Outra monarquia, igual a Lakeland — disparo. — Os vermelhos têm que trabalhar ou são recrutados. A maior concentração populacional é no

litoral, e a capital é Archeon. Está em guerra com Lakeland há quase um século. Mantém uma aliança com Piedmont. O rei é Tiberias, Tiberias...

— Tiberias VI — ele completa como um professor. Não que eu tenha passado muito tempo na escola para saber como um professor se comporta. Culpa dele. — Da Casa Calore.

Idiotas. Não têm cérebro suficiente nem para dar nomes diferentes aos filhos.

— Ardentes — acrescento. — Reclamam para si a chamada coroa flamejante. Uma oposição conveniente aos reis ninfoides de Lakeland.

Lakeland é uma monarquia que conheço bem demais, depois de viver muito tempo sob seu domínio. A dinastia é tão interminável e invencível como as águas do seu reino.

— De fato. Estão em lados opostos, mas são terrivelmente semelhantes.

— Se é assim, vai ser fácil nos infiltrarmos lá.

Ele arqueia a sobrancelha e gesticula para o espaço sufocante em que estamos. Parece querer rir.

— Você chama *isto* de fácil?

— Não levei nenhum tiro hoje, então, sim, chamo de fácil — respondo. — Além disso, Norta tem o quê? Metade do tamanho de Lakeland?

— Populações comparáveis. Cidades densas, infraestrutura mais avançada...

— Melhor ainda para nós. É mais fácil se esconder nas multidões.

Ele range os dentes, irritado.

— Você tem resposta para tudo?

— Sou boa no que faço.

Lá fora, outro estrondo de trovão, mais perto desta vez.

— Então o próximo destino é Norta. Para fazer o que fizemos aqui — insisto.

Meu corpo já começa a vibrar de ansiedade. Era o que eu esperava. Lakeland é apenas uma engrenagem da máquina, uma nação em meio a um continente. Uma rebelião limitada por suas fronteiras fracassaria, esmagada pelos outros reinos. Mas uma união maior, que estivesse em dois reinos, que fizesse desmoronar mais um apoio dos malditos prateados,

teria uma chance. E uma chance é só o que peço por cumprir meu dever.

A pistola ilegal na minha cintura nunca pareceu tão confortável.

— Você não pode esquecer, capitã — ele começa, fixando os olhos nos meus. Preferiria que desviasse o olhar. *Ele é tão parecido com ela.* — Não pode esquecer nossas verdadeiras habilidades. Quem éramos quando começamos, de onde viemos.

Sem aviso prévio, bato o pé contra as tábuas sob nós. Ele não se move. Minha raiva não é surpreendente.

— Como posso esquecer? — rebato. Resisto à vontade de mexer na longa trança loira sobre meu ombro. — Meu espelho me lembra todo dia.

Nunca ganho discussões com o coronel. Mas desta vez parece que empatamos, pelo menos.

Ele desvia o olhar para a parede. Os últimos raios de sol penetram pela madeira e iluminam o sangue do seu olho ferido. Um brilho vermelho sob a luz fraca.

Seu suspiro vem carregado de lembranças.

— O meu também.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL
ACESSO RESTRITO AO COMANDO

Responsável: Coronel CENSURADO

Designação: CARNEIRO

Origem: Trial, LL

Destinatário: COMANDO em CENSURADO

- De volta a TRIAL com OVELHA.
- Relatos de contra-ataque prateado em ADELA, LL, confirmados.
- Solicito autorização para enviar FERIADO e equipe para observar/responder.
- Solicito autorização para iniciar a análise de possíveis contatos em

NRT.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL
ACESSO RESTRITO A OFICIAIS

Responsável: General CENSURADO
Designação: BATEDOR
Origem: CENSURADO
Destinatário: CARNEIRO em Trial, LL

- Permissão para o envio de FERIADO concedida. Apenas observação. OPERAÇÃO OLHO VIVO.
- Permissão para a análise de possíveis contatos em NRT concedida.
- OVELHA assumirá a frente da OPERAÇÃO TEIA VERMELHA, entrando em contato com redes de contrabando e agentes clandestinos em NRT, focando o mercado negro em torno dos ASSOBIADORES. As ordens anexas devem ser lidas apenas por ela. Partir para NRT ainda esta semana.
- CARNEIRO assumirá a frente da OPERAÇÃO MURALHA. As ordens anexas devem ser lidas apenas por você. Partir para Ronto ainda esta semana.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

Trial é a única cidade grande na fronteira de Lakeland. Suas muralhas e torres detalhadamente esculpidas dão vista para o lago Redbone e para o

coração rural de Norta adiante. Sob o lago há uma cidade perdida, que foi arrasada e saqueada por mergulhadores ninfoides. Enquanto isso acontecia, os escravos de Lakeland construíram Trial nas margens, como se zombassem das ruínas alagadas e da terra desolada de Norta.

Costumava imaginar quem seria idiota para lutar nessa guerra prateada, já que eles insistem em restringir o campo de batalha à área abandonada do Gargalo. A fronteira ao norte é longa, sinuosa, segue o curso do rio e é quase toda coberta de florestas, mas apesar de estar sempre bem defendida, nunca é atacada. Claro, no inverno se torna uma região de frio e neve brutais, mas e no final da primavera e no verão? *E agora?* Se Norta e Lakeland não estivessem lutando há um século, eu esperaria que a cidade fosse atacada a qualquer momento. Mas não aconteceu, nem vai acontecer.

Porque, afinal, a guerra não é uma guerra.

É um extermínio.

Soldados vermelhos são recrutados, lutam e morrem aos milhares, ano após ano. Dizem-lhes para lutar pelo rei, para defender sua família e o país, que certamente seria dominado e destruído se não fosse pela coragem forçada deles. E os prateados ficam sentados confortavelmente, movendo suas legiões de brinquedos de um lado para o outro, trocando golpes que nunca parecem mudar muita coisa. Os vermelhos são pequenos demais, limitados demais, desinformados demais para perceber. É doentio.

Essa é apenas uma das mil razões por que acredito na causa e na Guarda Escarlata. Mas acreditar não torna mais fácil suportar a dor de um tiro. Não como da última vez que voltei a Irabelle, com o abdome sangrando, incapaz de andar sem a droga da ajuda do coronel. Pelo menos tive uma semana para descansar e me recuperar. Agora duvido que vou ficar aqui mais do que alguns dias antes de nos mandarem a campo de novo.

Irabelle é a única base decente da Guarda na região, pelo menos de acordo com meu limitado conhecimento. Existem abrigos espalhados pelo curso do rio e no interior das florestas, mas Irabelle é com certeza o coração do nosso grupo. Meio subterrânea e completamente ignorada, a maioria de nós chamaria Irabelle de lar se fosse preciso. Mas a maioria de nós não tem um lar. Não temos nada além da Guarda e dos vermelhos ao

nosso lado.

A estrutura é muito maior do que nossas necessidades; é fácil um forasteiro — ou invasor — se perder lá dentro. Perfeito para quem precisa de silêncio. Isso sem falar que boa parte das entradas e dos corredores é equipada com comportas. Uma ordem do coronel e todo o complexo vai por água abaixo, inundado como o mundo antigo que existia ali. Isso torna Irabelle úmida e fresca no verão, mas muito fria no inverno, com paredes que parecem lâminas de gelo. Independente da estação, gosto de andar pelos túneis, de patrulhar solitária as passagens de concreto esquecidas por todos, menos por mim. Depois do tempo no trem, evitando o olhar rubro e acusador do coronel, o ar fresco e o túnel diante de mim são o mais próximo da liberdade que já cheguei.

Giro a pistola no dedo, num equilíbrio cuidadoso que sou boa em manter. Não está carregada. Não sou idiota. Mas seu peso letal já me agrada. *Norta*. A pistola não para de girar. *As leis de porte de arma são mais rígidas do que em Lakeland. Só caçadores registrados têm permissão para andar armados. E são bem poucos*. Apenas mais um obstáculo que estou ansiosa para superar. Nunca estive em Norta, mas suponho que seja igual a Lakeland. Igualmente prateada, perigosa e *ignorante*. Mil carrascos para um milhão com a corda no pescoço.

Há muito tempo parei de me perguntar *por que* tudo isso ainda é tolerado. Não fui criada para aceitar a jaula do domador, ao contrário de muitos. O que enxergo como uma rendição enlouquecida é a única chance de sobrevivência para tantos outros. Acho que devo ao coronel minha crença inabalável na liberdade. Ele nunca me deixou pensar o contrário. Nunca me deixou aceitar de onde viemos. Não que eu vá lhe dizer isso algum dia. Ele já fez coisas demais para merecer meu agradecimento.

Assim como eu. É justo, suponho. E não acredito em justiça?

O som de passos me faz virar a cabeça. Escorrego a pistola para a cintura, com o cuidado de mantê-la escondida. Um camarada rebelde não se importaria com a arma, mas um oficial prateado com certeza sim. Não que eu espere que algum oficial nos encontre aqui embaixo. Nunca encontram.

Indy nem se dá ao trabalho de me cumprimentar. Detém-se a uns metros

de distância; as tatuagens são evidentes sobre a pele bronzeada, mesmo à pouca luz. Espinhos subindo por um lado, do punho até a cabeça raspada, e rosas serpenteando pelo outro braço. O codinome dela é Feriado, mas Jardineira combinaria mais. Outra capitã que responde ao coronel. Somos dez sob o comando dele, cada um com um número maior de soldados comprometidos com seus respectivos capitães.

— O coronel quer você na sala dele. Novas ordens — ela diz. Em seguida, continua com a voz mais baixa, embora ninguém possa nos ouvir nos fundos de Irabelle. — Não está contente.

Abro um sorriso sarcástico ao passar por ela. É mais baixa do que eu, como a maioria das pessoas, e precisa se esforçar para não ficar para trás.

— E alguma vez ele já esteve contente? — ironizo.

— Você sabe o que quero dizer. É diferente.

Seus olhos escuros cintilam e deixam um medo raro transparecer. A última vez que vi esse medo foi na enfermaria, quando ela estava diante do corpo de outra capitã. Saraline, codinome Misericórdia, que acabou perdendo um rim durante uma incursão de rotina atrás de armas. Ainda está se recuperando. O cirurgião estava tremendo, para dizer o mínimo. *Não é culpa sua. Não é seu trabalho.* Mas fiz o que pude mesmo assim. Não sou daquelas que não consegue ver sangue e eu era a melhor médica disponível. Ainda assim, foi a primeira vez que segurei um órgão humano na mão. *Pelo menos ela está viva.*

— Ela está andando — Indy acrescenta, como se pudesse ler a culpa na minha expressão. — Devagar, mas está conseguindo.

— Que bom — comento, sem completar dizendo que ela deveria ter voltado a andar semanas antes. *Não é culpa sua*, ecoa na minha cabeça de novo.

Quando chegamos ao pátio central, Indy se separa de mim e volta à enfermaria. Não sai do lado de Saraline por nada, exceto para missões e, ao que parece, para dar recados do coronel. Chegaram juntas à Guarda, próximas como melhores amigas. Depois, como *mais* do que amigas. Ninguém liga. Não há regras contra a intimidade na organização, desde que todos cumpram o dever e voltem vivos. Até o momento ninguém em

Irabelle foi burro ou sentimental o bastante para arriscar nossa causa por algo tão mesquinho.

Deixo Indy com suas preocupações e tomo a direção oposta, onde sei que o coronel me espera.

A sala dele daria uma excelente tumba. Sem janelas, apenas paredes de concreto e uma lâmpada que parece sempre queimar na hora errada. Há lugares muito melhores em Irabelle para cuidar das coisas, mas o coronel gosta do silêncio e do ambiente fechado. Apesar da estatura mediana, o teto baixo o faz parecer um gigante. Provavelmente é por isso que ele gosta tanto da sala.

A cabeça dele raspa o teto quando ele levanta para me cumprimentar.

— Novas ordens? — pergunto, já sabendo a resposta.

Faz dois dias que estamos aqui. Sei muito bem que não devo esperar uma folga, mesmo depois do sucesso absoluto da Operação Lagoa. As passagens centrais de três lagos, todos dando acesso ao interior de Lakeland, agora nos pertencem, e ninguém vai sequer desconfiar. Não sei qual é o grande plano por trás disso — isso é problema do Comando, não meu.

O coronel desliza uma folha de papel dobrada por cima da mesa. As bordas estão lacradas. Preciso romper a fita com o dedo. *Estranho*. Nunca tinha recebido ordens lacradas antes.

Meus olhos percorrem a página e se arregalam a cada palavra lida. Ordens do Comando. Saíram do topo, passaram pelo coronel e vieram direto para mim.

— Isso aqui é...

Ele ergue a mão para me interromper.

— O Comando disse que só você deve ler. — A voz dele está controlada, mas capto sua irritação mesmo assim. — A operação é sua.

Preciso cerrar o punho para manter a calma. *Minha própria operação*. O sangue lateja nas minhas orelhas, impulsionado pelos batimentos cardíacos cada vez mais acelerados. Travo a mandíbula para não sorrir. Olho de novo para as ordens para ter certeza de que são reais. *Operação Teia Vermelha*.

Depois de um tempo, me dou conta de que falta uma coisa.

— Não há menção ao senhor aqui, coronel.

Ele ergue a sobrelanceira do olho ruim.

— E você esperava que tivesse? Não sou sua *babá*, capitã — vocifera. A máscara de controle ameaça cair e ele se concentra na mesa impecável, espanando um grão de pó inexistente.

Ignoro o insulto.

— Muito bem. Suponho que o senhor tenha as próprias ordens.

— Tenho — ele diz rápido.

— Então temos motivos para comemorar.

— Você quer comemorar por ser a nova garota propaganda? — O coronel quase ri. — Ou prefere brindar a uma missão suicida?

Então eu paro de conter meu sorriso.

— Não vejo as coisas assim. — Devagar, dobro as ordens de novo e guardo o papel no bolso do casaco. — Esta noite, brindo à minha primeira missão independente — continuo. — E amanhã, parto para Norta.

— Só *você* deve ler as ordens, capitã.

Ao chegar à porta, lanço um olhar desafiador por cima do ombro.

— Como se o senhor já não soubesse. — O silêncio dele é a única confirmação de que preciso. — Além disso, ainda terei que prestar contas ao senhor, que depois retransmitirá ao Comando — acrescento. Não resisto à tentação de lhe dar uma leve cutucada; ele merece, já que fez o comentário sobre ser minha *babá*. — Como se diz? Ah, sim: você é o intermediário.

— Cuidado, capitã.

Aceno com a cabeça e, sorridente, giro a maçaneta.

— Sempre, senhor.

Felizmente, ele quebra o silêncio desconfortável.

— A equipe de transmissão está esperando no seu alojamento. Melhor começar logo.

— Tomara que eu esteja pronta para as câmeras — brinco com uma vaidade fingida.

Ele balança a mão, oficialmente me dispensando. É o que faço, de muito bom grado, zanzando entusiasmada pelos corredores de Irabelle.

Para minha surpresa, a empolgação que pulsa dentro de mim não dura

muito. Saio correndo em direção ao alojamento, querendo caçar os soldados sob meu comando e contar a boa nova. Mas logo diminuo o ritmo, e minha satisfação deu lugar à relutância. E ao medo.

Há um motivo — além do mais óbvio — para nos chamarem de Carneiro e Ovelha. Jamais fui mandada para qualquer lugar sem o Coronel. Ele sempre estava lá, como um salva-vidas que eu nunca quis, mas com quem já tinha me acostumado. Ele salvou minha vida tantas vezes que já perdi a conta. E com certeza é o motivo de eu estar aqui e não num vilarejo congelante, perdendo dedos a cada inverno e amigos a cada recrutamento. Não enxergamos muitas coisas da mesma forma, mas sempre cumprimos a missão e permanecemos vivos. Conseguimos o que ninguém mais consegue. Sobrevivemos. Agora preciso fazer isso sozinha. Agora tenho que proteger outros e carregar a vida deles — e também a morte — nas minhas costas.

Desacelero o passo, o que me dá mais uns instantes para me recompor. As sombras frescas são calmas e convidativas. Apoio o corpo contra a parede de concreto liso e deixo o frio percorrer meu corpo. *Preciso ser como o coronel na hora de escolher os soldados. Sou a capitã, a comandante, e preciso ser perfeita. Não há lugar para erros e hesitações. Seguir em frente, a todo custo. Vamos nos levantar, vermelhos como a aurora.*

O coronel pode não ser uma boa pessoa, mas é um líder brilhante.

Isso sempre foi o suficiente. E agora vou dar o meu melhor para ser assim. Penso melhor no meu plano. Deixo os outros esperarem um pouco mais.

Entro no alojamento sozinha, de cabeça erguida. Não sei por que fui escolhida, por que o Comando quer que eu seja a pessoa a gritar nossas palavras. Mas tenho certeza de que há um bom motivo. Uma jovem erguendo uma bandeira é uma figura muito marcante — mas também difícil de entender. Os prateados podem enviar a mesma quantidade de homens e mulheres para morrer no campo de batalha, mas um grupo rebelde liderado por uma mulher é facilmente subestimado. Exatamente o que o Comando quer. Ou simplesmente preferem que *eu* seja identificada e executada, e não um deles.

Um membro da equipe de transmissão — fugitivo de uma favela, a julgar pelo pescoço tatuado — gesticula para a câmera que já está preparada. Outro me entrega um cachecol vermelho e uma mensagem datilografada, que não será pronunciada por muitos meses.

Mas quando ouvirem a mensagem, quando ela ecoar através de Norta e Lakeland, vai cair com a força de um martelo.

Encaro as câmeras sozinha, com o rosto escondido e palavras de aço.
— Vamos nos levantar, vermelhos como a aurora.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL
ACESSO RESTRITO AO COMANDO

Responsável: Coronel CENSURADO
Designação: CARNEIRO
Origem: Trial, LL
Destinatário: COMANDO em CENSURADO

- OPERAÇÃO OLHO VIVO liderada por FERIADO enfrentou oposição em ADELA.
- Abrigo de ADELA destruído.
- Resumo da OPERAÇÃO OLHO VIVO:
Mortos em ação: R. INDY, N. CAWRALL, T. TREALLER, E. KEYNE (4).
Prateados mortos: Zero (0).
Número de baixas civis: desconhecido.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL

ACESSO RESTRITO A OFICIAIS

Dia 4 da OPERAÇÃO TEIA VERMELHA, fase 1

Responsável: Capitã CENSURADO

Designação: OVELHA

Origem: Harbor Bay, NRT

Destinatário: CARNEIRO em CENSURADO

- Livre movimentação pelas regiões de ADERONACK, GREATWOODS e COSTA DO PÂNTANO.
- Movimentação difícil pela região de BEACON. Presença maciça de tropas de NRT.
- Contato feito com MARINHEIROS. Entrada em HARBOR BAY com a ajuda deles.
- Haverá encontro com EGAN, líder dos MARINHEIROS. Avaliação em breve.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

Qualquer bom cozinheiro dirá que sempre há ratos na cozinha.

No reino de Norta não é diferente. Pelas suas rachaduras e fendas rastejam aqueles que a elite prateada chamaria de “vermes”. Ladrões, contrabandistas, desertores, adolescentes fugindo do recrutamento ou idosos fracos tentando escapar do castigo pelo “crime” de ficarem velhos e improdutivos — todos vermelhos. Concentram-se nos bosques e nos vilarejos do interior, bem mais ao norte e mais perto da fronteira com Lakeland, encontrando segurança em lugares onde nenhum prateado de respeito se dignaria a morar. Mas em cidades como Harbor Bay, onde os prateados mantêm casas bonitas e leis horríveis, os vermelhos recorrem a medidas mais desesperadas. E eu preciso fazer o mesmo.

Não é fácil chegar perto de Egan. Seus supostos sócios conduzem meu

tenente, Tristan, e eu por um labirinto de túneis debaixo das muralhas da cidade litorânea. Damos várias voltas, para me confundir e despistar qualquer um que tentasse nos seguir. Tenho quase certeza de que Melody, a ladra de voz suave e olhar perspicaz que caminha à frente, vai nos vendar. Em vez disso, ela deixa a escuridão fazer seu trabalho e, quando saímos do subterrâneo, mal sei reconhecer o verdadeiro norte, muito menos o caminho para fora da cidade.

Tristan não é de confiar nos outros; já aprendeu muito nas mãos da Guarda Escarlata. Ele paira ao meu lado, com uma mão no bolso da jaqueta, sempre segurando o punhal que carrega consigo. Melody e seus homens riem da ameaça indiscreta. Abrem seus casacos para revelar suas próprias armas cortantes.

— Não se preocupe, espichado — ela diz, arqueando as sobrancelhas diante da altura descomunal de Tristan. — Vocês estão bem protegidos.

Ele fica vermelho de raiva, mas não solta o punhal. Também carrego uma faca na bota, sem falar da pistola enfiada na parte de trás das calças.

Melody continua caminhando e nos conduzindo por um mercado que vibra com o barulho e um cheiro forte de peixe. Seu corpo robusto vai cortando a multidão, que se abre para deixá-la passar. A tatuagem no bíceps — uma âncora azul envolta por uma corda vermelha — basta para deixar todos alertas. Ela é dos Marinheiros, a rede de contrabando que o Comando me mandou averiguar. E, a julgar pela maneira como dá ordens ao próprio destacamento, os três que a obedecem, Melody é bem ranqueada e respeitada.

Sinto que ela está me examinando o tempo todo, mesmo quando olha para a frente. Foi por isso que decidi não trazer o resto da equipe comigo para conhecer o chefe dela. Tristan e eu somos suficientes para avaliar a operação que Egan lidera, julgar os motivos dele e fazer um relatório para o Comando.

Egan, ao que parece, adota uma postura diferente.

Espero uma fortaleza subterrânea bem parecida com a nossa em Irabelle, mas Melody nos leva para um farol antigo com paredes castigadas pelo tempo e pela maresia. Antes, sua luz guiava os navios até o porto, mas

agora o farol está longe demais da água, já que a cidade se expandiu por cima da baía. Por fora, parece abandonado, com janelas lacradas e portas bloqueadas. Os Marinheiros não ligam nem um pouco. Nem se incomodam em esconder sua aproximação, embora todos os meus instintos clamem por discricção. Em vez disso, Melody nos conduz de cabeça erguida pelo mercado de rua.

A multidão se move conosco, como um cardume de peixes, oferecendo camuflagem. Nos acompanha ao longo de todo o caminho até o farol e a uma porta gasta e trancada. A ação me deixa de olhos arregalados. Os Marinheiros parecem bem organizados. Inspiram respeito, isso é óbvio, sem falar na lealdade. Ambos são valores admiráveis para a Guarda Escarlata, que nem o dinheiro nem a intimidação podem comprar de verdade. Meu coração salta no peito. Os Marinheiros realmente parecem aliados viáveis.

Uma vez seguros dentro do farol, ao pé de uma escada espiralada que parece infinita, sinto um nó de tensão se desfazer no meu peito. Não sou nova na atividade de infiltrar cidades prateadas e circular pelas ruas com segundas intenções, mas com certeza não é uma situação que me agrada. Especialmente sem o coronel ao meu lado como um escudo rude e eficaz contra qualquer coisa que pudesse acontecer.

— Vocês não têm medo dos guardas? — pergunto enquanto um dos Marinheiros fecha a porta por onde entramos. — Eles não sabem que vocês estão aqui?

Melody ri mais uma vez. Ela já subiu uns dez degraus da escada e responde sem interromper os passos.

— Ah, eles sabem que estamos aqui.

Os olhos de Tristan quase saltam das órbitas.

— O quê?! — ele questiona, pálido, pensando o mesmo que eu.

— Eu disse que os agentes de segurança sabem que estamos aqui — ela repete, e sua voz ecoa pelo lugar.

Quando piso no primeiro degrau, Tristan segura meu punho.

— Não deveríamos estar aqui, capi... — ele murmura, esquecendo o combinado.

Não lhe dou a chance de dizer meu nome, de ir contra as regras e os protocolos que nos protegeram por tanto tempo. Em vez disso, meto o antebraço na garganta dele e o empurro da escadaria com toda força. Ele cede e tomba, esparramando toda a sua estatura por vários degraus.

Meu rosto cora de calor. Não gosto de fazer isso, seja na frente de estranhos ou não. Tristan é um bom tenente, ainda que superprotetor. Não sei o que é mais prejudicial: mostrar aos Marinheiros que pode haver discórdia na nossa hierarquia ou que temos medo. Espero que seja a segunda opção. Dou de ombros, calma, recuo e estendo a mão para Tristan, mas sem me desculpar. Ele sabe por quê.

Sem mais uma palavra, ele me segue escada acima.

Melody nos deixa passar. Sinto seus olhos acompanharem cada um dos meus passos. Com certeza está me observando agora. E eu deixo, com postura e rosto impassíveis. Faço o máximo para ser igual ao coronel: ilegível e inabalável.

No topo do farol, em vez das janelas lacradas, há uma vista ampla de Harbor Bay. Literalmente construída sobre outra cidade, mais antiga, Harbor Bay era um emaranhado de ruas velhas. As vias estreitas e curvas eram mais adequadas para cavalos do que veículos, e precisávamos nos espremer em becos para evitar atropelamentos. Daquele ponto privilegiado, consigo ver que tudo gira em torno do famoso porto, com becos, túneis e esquinas esquecidos demais para uma patrulha completa. Somando isso à alta concentração de vermelhos, Harbor Bay é o lugar perfeito para a Guarda Escarlata começar. Nosso serviço de inteligência identificou a cidade como a base mais viável para a rebelião em Norta quando chegar a hora de pegar em armas. Diferente da capital, Archeon, onde a sede do governo exige controle e ordem absolutos, Harbor Bay não é tão fiscalizada.

Mas também não é indefesa. Há uma base militar construída sobre a praia, dividindo o semicírculo perfeito de terra e ondas ao meio. *Forte Patriota*. Uma parada para o Exército, a Marinha e a Aeronáutica de Norta, o único lugar que serve aos três ramos das forças militares prateadas. Como o resto da cidade, as paredes e os prédios do Forte são brancos, e a

parte de cima termina em telhados azuis e altos obeliscos prateados. Já que tenho uma vista privilegiada, tento memorizar a construção. Quem sabe não será útil um dia? E graças à guerra inútil travada ao norte, o Forte Patriota ignora completamente tudo que acontece na cidade. Os soldados se fecham atrás dos muros enquanto os agentes de segurança mantêm a cidade na linha. De acordo com os relatórios, eles protegem os seus, os cidadãos prateados, mas os vermelhos de Harbor Bay basicamente governam a si mesmos, com grupos próprios para manter a ordem. São três bandos em particular.

A Ronda Vermelha atua como polícia, fazendo o possível para instaurar uma espécie de justiça vermelha, defendendo e aplicando leis com as quais os agentes prateados não se importam. Ela resolve disputas e crimes cometidos entre vermelhos com o intuito de evitar novos abusos por parte das mãos impiedosas dos prateados. O trabalho da Ronda Vermelha é conhecido e até tolerado pelas autoridades da cidade, e é por isso que não vou procurá-los. Por mais nobre que seja a causa deles, estão muito próximos dos prateados para o meu gosto.

A gangue idolatrada dos Piratas me deixa igualmente desconfiada. Tudo indica que são violentos, uma característica que costumo admirar. O negócio deles é sangue, e agem como um cão raivoso. Cruéis, implacáveis e burros, seus membros são quase sempre executados e logo substituídos. Detêm o controle de um setor da cidade mediante assassinatos e chantagens, e muitas vezes se estranham com o grupo rival, os Marinheiros.

Que devo avaliar por mim mesma.

— Suponho que você seja Ovelha.

Me viro, dando as costas para o horizonte que se estende em todas as direções.

O homem que suponho ser Egan está apoiado na janela oposta, sem consciência ou sem medo da mera vidraça velha que o separa de uma longa queda. Como eu, ele blefa, mostrando as cartas que quer enquanto esconde o resto.

Vim até aqui apenas com Tristan para passar uma determinada imagem. Egan, com Melody de um lado e uma tropa de Marinheiros do outro,

escolhe demonstrar força. Para me impressionar. *Bom.*

Ele cruza os braços, exibindo seus músculos e cicatrizes; cada braço tem uma tatuagem de âncora. O coronel me vem à mente, embora eles não se pareçam em nada. Egan é baixo, atarracado, tem o peito estufado e a pele bronzeada. Do cabelo longo e danificado pela maresia pende uma trança embaraçada. Não duvido que tenha passado mais da metade da vida num barco.

— Ou pelo menos é esse o codinome que botaram em você — Egan continua, com um sorriso sem vários dentes. — Estou certo?

Dou de ombros, displicente.

— O meu nome importa?

— Nem um pouco. Só suas intenções. Que são...?

Imitando o sorriso dele, avanço até o centro do ambiente, com cuidado para evitar o buraco redondo onde a lâmpada do farol costumava ficar.

— Acho que você já sabe.

Minhas ordens afirmavam que o contato já havia sido estabelecido, mas sem especificar até que ponto. Uma omissão necessária para garantir que alguém de fora não pudesse usar a correspondência contra nós.

— Sei. Conheço bem os objetivos e as táticas da sua gente, mas estou falando com você. Por que *você* está aqui?

Sua gente. Registro as palavras na minha mente. Mais tarde vou decifrá-las. Queria muito enfrentar uma briga em vez desse jogo insuportável de esconde-esconde. Prefiro um olho roxo a um quebra-cabeça.

— Meu objetivo é estabelecer canais abertos para a comunicação. Vocês são um grupo de contrabandistas, então é bom para nós dois termos amigos do outro lado da fronteira — digo, para em seguida abrir outro sorriso vitorioso e correr os dedos pela minha trança. — Sou apenas uma mensageira, senhor.

— Ah, não acho correto chamar uma capitã da Guarda Escarlate de *apenas* uma mensageira.

Dessa vez Tristan fica quieto. É a minha vez de reagir, apesar do meu treinamento. Egan não deixa de notar meus olhos arregalados ou minhas bochechas coradas. Seus companheiros, Melody em especial, têm a audácia

de trocar risinhos entre si.

Sua gente. A Guarda Escarlate. Ele já nos encontrou antes.

— Então não sou a primeira.

Outro sorriso.

— Nem de longe. Passamos mercadorias para vocês desde... — Ele encara Melody, fazendo uma pausa para criar suspense. — Dois anos, não é?

— Desde setembro de 300, chefe — ela responde.

— Ah, sim... Parece que você não sabia nada disso, Ovelha.

Luto contra o ímpeto de cerrar os dentes e urrar. *Descrição*, diziam as ordens. Duvido que jogar um criminoso arrogante do alto de sua torre decadente seja considerado discreto.

— Não é o nosso estilo. — É a única explicação que dou. Porque, embora Egan se considere superior e bem mais informado do que eu, está enganado. Ele não faz ideia do que somos, do que fizemos e de quanto mais planejamos fazer. Não é sequer capaz de imaginar.

— Bom, seus camaradas pagam bem, isso é certo — ele diz enquanto agita uma pulseira de prata toda trabalhada, trançada como uma corda. — Espero que você faça o mesmo.

— Se você fizer o que pedirmos, sim.

— Então vou fazer o que pedirem.

Um aceno de cabeça basta para pôr Tristan em movimento. Ele dá dois passos largos e desajeitados para o meu lado, tão rápido e tosco que Egan começa a rir.

— Caramba, mas você é comprido! — Egan diz. — Como te chamam? Varapau?

Um canto da minha boca treme, mas não sorrio. Por Tristan. Não importa o quanto ele coma ou treine, parece incapaz de ganhar músculos. Não que faça muita diferença para o cargo dele. Tristan é um atirador de elite, não um lutador. É mais valioso a cem metros de distância com um bom rifle. Não vou contar para Egan que o codinome dele é Caveira.

— Solicitamos um resumo e uma introdução à chamada rede dos Assobiadores — Tristan diz, fazendo as exigências no meu lugar. Outra

tática que adotei do coronel. — Procuramos contatos viáveis nessas áreas-chave.

Ele entrega um mapa, comum exceto pelos pontos vermelhos em cidades importantes e entrepostos espalhados pelo país. Sei tudo de cor. Os subúrbios industriais da Cidade Cinzenta e da Cidade Nova, a capital Archeon, Delphie, a cidade militar de Corvium, e muitos vilarejos e aldeias entre elas. Egan nem olha para o papel, mas assente mesmo assim. É uma demonstração de confiança.

— Algo mais? — pergunta com a voz rouca.

Tristan me encara, como se me desse uma última chance para renegar a ordem final do Comando, mas permaneço firme.

— Em breve vamos requisitar seus serviços de contrabando.

— É fácil. Com a rede dos Assobiadores, o país inteiro está aberto para vocês. Podem enviar lâmpadas daqui para Corvium e de volta para cá se quiserem.

Não consigo segurar e abro um sorriso largo.

Mas a animação de Egan parece diminuir um pouco. Ele sabe que não vai ser simples.

— Qual é a carga?

Com um gesto rápido, atiro um saquinho de tetrarcas aos pés dele. Todas as moedas são de prata. São suficientes para convencê-lo.

— As pessoas certas.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR

É CONFIDENCIAL

ACESSO RESTRITO A OFICIAIS

Dia 6 da OPERAÇÃO TEIA VERMELHA, fase 1

Responsável: Capitã CENSURADO

Designação: OVELHA

Origem: Harbor Bay, NRT

Destinatário: CARNEIRO em CENSURADO

- Líder EGAN dos MARINHEIROS aceitou os termos. Vão assumir o transporte da região de Beacon assim que começarmos a fase 2 da TEIA VERMELHA.
- Aviso: MARINHEIROS têm conhecimento da organização da GE. Outras células estão ativas em NRT. Pedir mais esclarecimentos?

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL
ACESSO RESTRITO A OFICIAIS

Dia 6 da OPERAÇÃO TEIA VERMELHA, fase 1
Responsável: Coronel CENSURADO
Designação: CARNEIRO
Origem: CENSURADO
Destinatário: OVELHA em Harbor Bay, NRT

- Desconsiderar. Foco na TEIA VERMELHA.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL
ACESSO RESTRITO A OFICIAIS

Dia 10 da OPERAÇÃO TEIA VERMELHA, fase 1

Responsável: Capitã CENSURADO

Designação: OVELHA

Origem: Albanus, NRT

Destinatário: CARNEIRO em CENSURADO

- Contato firmado com a rede dos ASSOBIADORES desde a região de BEACON até CAPITAL VALLEY. Tudo a favor da fase 2.
- Tentando ir para o norte seguindo o RIO CAPITAL.
- Vilarejo de ALBANUS, centro vermelho mais próximo de SUMMERTON (casa de verão do rei Tiberias + seu governo).
- Importante? Avaliação em breve.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

A população chama o lugar de Palafitas. Dá pra ver por quê. O nível do rio ainda está alto por causa do gelo que derreteu na primavera, e boa parte da cidade ficaria debaixo d'água se não fossem os pilares que suspendem as construções. Uma arena coroa o topo de um morro, um lembrete firme de quem é o dono deste lugar e quem governa este reino.

Diferente de cidades maiores como Harbor Bay ou Haven, não há muros, portões nem checagem de sangue. Meus soldados e eu entramos de manhã com o resto dos comerciantes que percorrem a Estrada Real. Um policial prateado confere nossas identidades falsas com uma olhadela desinteressada antes de gesticular para seguirmos em frente, deixando um bando de lobos entrar em sua vila de ovelhas. Se não fosse a localização e a proximidade do palácio de verão do rei, eu não olharia para Albanus duas vezes. Não há nada de útil aqui, apenas lenhadores exaustos e suas famílias, praticamente sem forças para comer, muito menos se rebelar contra o regime prateado. Mas Summerton fica a alguns quilômetros rio acima, o que torna Albanus digna da minha atenção.

Tristan decorou o vilarejo antes de entrarmos, ou pelo menos tentou. Não

seria bom consultar mapas em público e deixar todo mundo saber que não somos daqui. Ele vira à esquerda rápido. O resto de nós vai atrás, passando do pavimento da Estrada Real para a estrada de barro vermelho que acompanha a margem úmida do rio. Nossas botas afundam, mas ninguém escorrega.

As casas de palafita se erguem à nossa esquerda, pontilhando a rua Marcher, se não me engano. Crianças sujas e entediadas nos observam passar enquanto jogam pedras no rio. Mais ao longe, pescadores içam redes reluzentes e enchem os barcos com a pesca do dia. Riem um para o outro, felizes por trabalharem. Felizes por terem um emprego que os poupa do recrutamento para a guerra inútil.

A Assobiadora de Orienpratis, uma cidade que vive da pedreira na beira de Beacon, é o motivo para estarmos aqui. Ela nos assegurou que outro Assobiador operava em Albanus, dando cobertura para roubos e outras atividades não legalizadas da cidade. Mas ela só comentou sobre a existência do Assobiador, não disse onde encontraríamos esse homem ou mulher. Não por não confiar em mim, mas por não saber. Como a Guarda Escarlata, os Assobiadores usam seus próprios segredos como escudo. Assim, mantenho os olhos abertos e atentos.

O mercado de Palafitas pulsa de atividade. Vai chover logo, e todo mundo quer resolver seus assuntos antes do temporal. Jogo a trança por cima do ombro esquerdo. Um sinal. Sem olhar, sei que meus rebeldes se dividem nos pares de costume. As ordens são claras. Cobrir a extensão do mercado. Ficar atento a possíveis pistas. Encontrar o Assobiador se conseguirem. Com seus pacotes de contrabando inofensivo — miçangas de vidro, pilhas, pó de café bolorento —, vão tentar negociar e vender até chegarem à fachada da operação do Assobiador. *E eu farei o mesmo.* Minha bolsa pende da cintura, pesada mas pequena, escondida por um pedaço da barra da camisa de sisal fora da calça. Dentro da bolsa, balas de revólver. Variadas, de calibres diferentes, aparentemente roubadas. De fato, vieram do estoque do nosso novo abrigo em Norta, uma ótima caverna nos recônditos da região de Greatwoods. Mas ninguém na cidade pode saber disso.

Como sempre, Tristan se mantém próximo, mas está mais relaxado.

Cidades pequenas e vilarejos não são perigosos, não para os nossos padrões. Apesar de os policiais prateados patrulharem o mercado, são poucos e desinteressados. As punições são reservadas aos corajosos, aqueles que ousam encarar um prateado nos olhos ou criar uma confusão tão grande a ponto de obrigá-los a deixar a preguiça de lado e se meter.

— Estou com fome — digo ao virar para uma barraca que vende um pão grosseiro.

Os preços são astronômicos se comparados com o que costumamos pagar em Lakeland, mas então lembro que Norta não é um bom lugar para o cultivo de grãos. O solo deles é muito pedregoso para as fazendas prosperarem. Como esse homem se sustenta vendendo um pão que ninguém consegue comprar é um mistério. Na verdade, seria um mistério, para outra pessoa.

O padeiro, magro demais para a profissão, mal nos encara. Não parecemos clientes promissores. Chacoalho as moedas no bolso para chamar sua atenção.

Ele finalmente levanta a cabeça; seus olhos são úmidos e grandes.

O som de moedas a essa distância das cidades maiores o surpreende.

— O que você está vendo aqui é tudo o que tenho.

Nada de papo furado. Já gosto dele.

— Esses dois — digo, apontando para os melhores pães que ele tem. O padrão não é muito elevado.

Ainda assim, ele ergue as sobrancelhas. Pega os pães e os embrulha num papel velho com a eficiência do hábito. Quando entrego as moedas de cobre sem chorar um desconto, a surpresa dele aumenta. Assim como a suspeita.

— Não conheço vocês — ele sussurra, desviando o rosto e olhando para a direita, ao longe, onde um policial repreende um bando de crianças subnutridas.

— Somos negociantes — Tristan explica. Ele se inclina para a frente, apoiando-se nas tábuas frágeis da barraca de pão. Uma das mangas da camisa sobe um pouco, deixando o punho à mostra. Uma fita vermelha que dá a volta completa aparece, a marca dos Assobiadores, conforme tínhamos descoberto. É uma tatuagem falsa. *Mas o padeiro não sabe disso.*

Os olhos do sujeito se detêm em Tristan por apenas um instante antes de se voltarem para mim. Ele não é tão tonto quanto parece.

— E o que vocês querem negociar? — ele pergunta, entregando um dos pães para mim. Ele segura o outro, à espera.

— Uma coisinha aqui, outra ali — respondo. E então assovio, um som suave e baixo, mas inconfundível. A melodia única de duas notas que a outra Assobiadora me ensinou. Inofensiva para quem não sabe de nada.

O padeiro não sorri nem confirma nada. Seu rosto não revela qualquer sentimento.

— É melhor negociar de noite — ele simplesmente diz.

— Concordo.

— No fim da rua Mill, depois da curva. Um trailer — o padeiro acrescenta. — Depois do pôr do sol, mas antes da meia-noite.

Tristan assente. Ele sabe onde fica o lugar.

Faço o mesmo, num minúsculo gesto de agradecimento. O padeiro não agradece. Em vez disso, agarra meu outro pão e o põe de volta no balcão. Num único movimento, ele arranca o embrulho de papel e dá uma mordida provocadora. As migalhas se espalham por sua barba rala, e cada uma delas é um recado. Minha moeda foi trocada por algo mais valioso que pão.

Rua Mill, depois da curva.

Contendo um sorriso, jogo a trança por cima do ombro direito.

Meus soldados espalhados pelo mercado inteiro interrompem as buscas. Movem-se como se fossem um, como um cardume que segue o líder. Tento ignorar os resmungos de dois rebeldes enquanto saímos do mercado; aparentemente alguém bateu a carteira deles.

— Todas as baterias sumiram num segundo. Nem percebi — Cara reclama enquanto vasculha sua sacola.

Lanço um olhar para ela.

— E o comunicador? — pergunto, seca. Se o transmissor dela, um rádio minúsculo que passa nossas mensagens por estalos e bipes, estiver perdido, teremos um grave problema.

Felizmente, ela balança a cabeça e dá um tapinha num volume embaixo da camisa.

— Ainda está aqui — ela diz.

Me forço a apenas acenar com a cabeça enquanto engulo meu suspiro de alívio.

— Ei, umas moedas minhas estão faltando! — outra rebelde, Tye, a fortona, resmunga enquanto enfia as mãos cheias de cicatrizes nos bolsos.

Quase começo a rir dessa vez. Entramos no mercado em busca do ladrão dos ladrões, e meus soldados tão bem treinados acabam vítimas de um trombadinha qualquer. Em outro dia, talvez eu ficasse com raiva, mas hoje esse leve percalço sequer me incomoda. Umas moedas perdidas não são nada no panorama geral. Porque, no fim das contas, apenas algumas semanas atrás o coronel chamou nossa missão de suicida.

Mas estamos indo bem. E continuamos muito vivos.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR

É CONFIDENCIAL

ACESSO RESTRITO A OFICIAIS

Dia 11 da OPERAÇÃO TEIA VERMELHA, fase 1

Responsável: Capitã CENSURADO

Designação: OVELHA

Origem: Albanus, NRT

Destinatário: CARNEIRO em CENSURADO

- ASSOBIADOR de ALBANUS/ PALAFITAS vai colaborar na fase 2.
- Tem olhos dentro de SUMMERTON/ Palácio de Verão do rei.
- Também falou de contatos no Exército Vermelho em CORVIUM.
Vamos atrás.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL
ACESSO RESTRITO A OFICIAIS

Responsável: Coronel CENSURADO
Designação: CARNEIRO
Origem: CENSURADO
Destinatário: OVELHA em Albanus

- Não está nas ordens. Perigoso demais. Continuar TEIA VERMELHA.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL
ACESSO RESTRITO A OFICIAIS

Dia 12 da OPERAÇÃO TEIA VERMELHA, fase 1
Responsável: Capitã CENSURADO
Designação: OVELHA
Origem: Siracas, NRT
Destinatário: CARNEIRO em CENSURADO

- Objetivo da TEIA VERMELHA é introduzir a GE em NRT via redes existentes. Exército está nas ordens.
- Contatos no Exército Vermelho indispensáveis. Vamos atrás. Passar mensagem para o COMANDO.
- A caminho de CORVIUM.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL
ACESSO RESTRITO A OFICIAIS

Responsável: Coronel CENSURADO
Designação: CARNEIRO
Origem: CENSURADO
Destinatário: OVELHA em Siracas

- Pare. Não vá p/ CORVIUM.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL
ACESSO RESTRITO A OFICIAIS

Responsável: General CENSURADO
Designação: BATEDOR
Origem: CENSURADO
Destinatário: OVELHA em Siracas, CARNEIRO em CENSURADO

- Seguir p/ CORVIUM. Avaliar contatos no Exército Vermelho p/ conseguir informações e fase 2/ remoção de ativos.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL
ACESSO RESTRITO A OFICIAIS

Dia 12 da OPERAÇÃO TEIA VERMELHA

Responsável: Capitã CENSURADO

Designação: OVELHA

Origem: Corvium, NRT

Destinatário: COMANDO em CENSURADO, CARNEIRO em CENSURADO

- Entendido.
- Claramente não é tão perigoso.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL
ACESSO RESTRITO AO COMANDO

Responsável: Coronel CENSURADO

Designação: CARNEIRO

Origem: CENSURADO

Destinatário: COMANDO em CENSURADO

- Favor notar minha forte oposição aos desdobramentos da TEIA VERMELHA. OVELHA precisa de rédea curta.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

A MENSAGEM DECODIFICADA A SEGUIR
É CONFIDENCIAL
ACESSO RESTRITO A OFICIAIS

Responsável: General CENSURADO
Designação: BATEDOR
Origem: CENSURADO
Destinatário: CARNEIRO em CENSURADO

- Anotado.

VAMOS NOS LEVANTAR, VERMELHOS COMO A AURORA.

Dá para sentir o cheiro do Gargalo daqui. Cinzas, fumaça, cadáveres.

— O dia está devagar. Nenhuma bomba ainda — Tye comenta com os olhos fixos no horizonte a noroeste. As nuvens escuras só podem vir da frente de combate dessa guerra inútil.

Tye serviu nas linhas de batalha, mas no lado oposto ao que estamos agora. Lutou pelos senhores de Lakeland e perdeu uma orelha para o frio congelante do inverno nas trincheiras. Ela não esconde a deformidade. Puxa todo o cabelo loiro bem para trás, para que todos vejam o toco arruinado que a suposta lealdade lhe valeu.

Tristan faz uma terceira varredura na área, estreitando os olhos pelo telescópio de seu rifle longo. Está deitado de barriga para baixo, parcialmente oculto pelo mato pegajoso da primavera. Seus movimentos são lentos e metódicos, bem treinados na zona de tiro em Irabelle e nas florestas fechadas de Lakeland. Os pequenos arranhões no metal do cano brilham contra a luz do sol. São vinte e dois no total, um para cada prateado

morto por aquela arma até agora. Apesar de todos os tiques paranoicos, o dedo de Tristan surpreende pela firmeza no gatilho.

Da nossa posição elevada, temos uma vista privilegiada das florestas ao redor. O Gargalo está alguns quilômetros a noroeste, coberto de nuvens apesar do sol da manhã, e Corvium fica mais um pouco ao leste. Não há mais cidades por perto, nem mesmo animais. A região é próxima demais das trincheiras para qualquer criatura que não seja um soldado. Mas eles se concentram na Estrada de Ferro, a via principal que passa por Corvium e termina na frente de batalha. Ao longo dos últimos dias, aprendemos muito sobre as legiões vermelhas, sempre em movimento para substituir os soldados derrotados, sempre voltando na semana seguinte trazendo os mortos e feridos. As tropas chegam ao amanhecer e no começo da noite. Nos mantemos longe da estrada, mas ainda podemos ouvi-los marchar. Cinco mil em cada legião — cinco mil irmãos e irmãs vermelhos resignados à condição de alvos vivos. As caravanas de suprimentos são mais difíceis de prever; só aparecem quando necessário, sem seguir qualquer programação. Os veículos de transporte são tripulados por soldados vermelhos e oficiais prateados inúteis. Não há qualquer honra em comandar veículos cheios de comida estragada e curativos usados. As caravanas de suprimentos são um castigo para os prateados e um alívio para os vermelhos. E o melhor de tudo: são pouco protegidas. Afinal, o inimigo está firme do outro lado do Gargalo, em Lakeland, separado por quilômetros de terra arrasada, trincheiras e explosões de artilharia. Ninguém olha para as árvores ao passar. Ninguém imagina que existe outro inimigo, já dentro de suas muralhas de diamante.

Não consigo avistar a Estrada de Ferro do alto desta serra — a folhagem das árvores obscurece a avenida pavimentada —, mas não queremos observar a estrada hoje. Não vamos reunir dados sobre a movimentação das tropas. Vamos falar diretamente com elas.

Meu relógio interno me diz que estão atrasadas.

— Pode ser uma armadilha — Tristan murmura, sempre ansioso para manifestar seus medos.

Ele se mantém alerta, o olho firme contra o telescópio. Espera uma

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Cicatrices de Aço"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).